



Educação física no ensino médio: experiências educativas inspiradas pelos ensinamentos freireanos

Physical education in high school: educational experiences inspired by Freire's teachings

Daniel Teixeira Maldonado¹, Valdilene Aline Nogueira²

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), São Paulo, Brasil

² Universidade São Judas Tadeu (USJT), São Paulo, Brasil

HISTÓRICO DO ARTIGO

Recebido: 01 novembro 2019

Revisado: 21 janeiro 2020

Aprovado: 29 janeiro 2020

PALAVRAS-CHAVE:

Educação Física; Ensino Médio;
Princípios Ético-Crítico-Políticos.

KEYWORDS:

Physical Education; High School;
Ethical-Critical-Political
Principles.

RESUMO

OBJETIVO: Relatar uma experiência educativa, produzida nas aulas de Educação Física no Ensino Médio, que foi inspirada pela educação libertadora de Paulo Freire.

MÉTODO: O projeto ocorreu com uma turma do 3º ano do curso de Eletrônica integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de São Paulo, durante o ano de 2019.

RESULTADOS: Os alunos e as alunas vivenciaram jogos, brincadeiras, lutas, danças, ginásticas e esportes de diferentes culturas, refletiram sobre os conhecimentos históricos, econômicos, políticos, sociais, biológicos e fisiológicos que atravessam as manifestações da cultura corporal e produziram conhecimentos sobre as práticas corporais.

CONCLUSÃO: Ao final do relato, foram construídos princípios ético-crítico-políticos que podem inspirar a prática político-pedagógica dos docentes de Educação Física progressistas.

ABSTRACT

OBJECTIVE: To report an educational experience, produced in high school Physical Education classes, which was inspired by Paulo Freire's liberating education.

METHODS: The project took place with a class of the 3rd year of the Electronics course integrated to the High School of the Federal Institute of São Paulo, during 2019.

RESULTS: The students experienced games, fights, dances, gymnastics and sports from different cultures, reflected on the historical, economic, political, social, biological and physiological knowledge that cross the manifestations of body culture and produced knowledge on body practices.

CONCLUSION: At the end of the report, ethical-critical-political principles were built that can inspire the political-pedagogical practice of progressive Physical Education teachers.

INTRODUÇÃO

Primeiras palavras

A Educação Física é um componente curricular da Educação Básica desde o início do século XX. As suas raízes epistemológicas nasceram nas Ciências Naturais, fomentando uma prática político-pedagógica voltada para o desenvolvimento da aptidão física da população e a formação de atletas. Entretanto, muitas perspectivas pedagógicas progressistas foram produzidas desde a década de 1980, fomentando outros modos de pensar as aulas do componente da Educação Infantil ao Ensino Médio (CASTELLANI FILHO et al., 2009; KUNZ, 2006; NEIRA, 2018).

Nesse cenário, a literatura da área aponta produções que problematizam a especificidade do componente curricular no Ensino Médio e a sua função na escola contemporânea a partir de reformas curriculares neoliberais (BRANDL, 2001; CRES-CÊNCIO; BENITES, 2018).

No bojo dessas discussões curriculares, os professores e as professoras de Educação Física que lecionam na escola pública passaram a organizar projetos educativos que possibilitaram a leitura de mundo dos alunos e das alunas sobre as práticas corporais (MALDONADO; NEIRA, 2019). Ler o mundo significa um ato de conquista do/a estudante, rumo a uma visão crítica e dinâmica da realidade, permitindo que ele ou ela desvele o seu cotidiano a partir dos conhecimentos construídos e reconstruídos nas aulas, possibilitando o ser mais (FREIRE, 2016a).

Essa é a nossa referência de qualidade da educação pública. Em tempos de Educação S/A, onde as políticas educacionais reforçam o sistema de homogeneização da cultura e das identidades, privilegiando os estratos sociais favorecidos economicamente e os grupos empresariais e privatistas interessados na mercadorização da educação e do currículo com a única finalidade de obter lucros (BOSSLE, 2019, p. 20), professores e professoras que resistem a esse modelo produzem práticas político-pedagógicas nas suas escolas, a partir de uma compreensão ético-crítico-política da educação (FREIRE; GUIMARÃES, 2011), que tem como base possibilitar a leitura de mundo sobre as práticas corporais que são tematizadas nas aulas de Educação Física, utilizando uma pedagogia engajada (HOOKS, 2017), sendo intelectuais transformadores da sua realidade por meio da construção de inédito-viáveis (BOSSLE, 2018), além de pesquisadores que sistematizam conhecimentos sobre o seu cotidiano escolar com a intencionalidade de construir uma sociedade com mais justiça social (BOSSLE; BOSSLE, 2018).

Nesse contexto, nosso objetivo foi relatar uma experiência político-pedagógica produzida nas aulas de Educação Física no Ensino Médio que foi inspirada pela educação libertadora de Paulo Freire.

Produção da experiência político-pedagógica

A experiência político-pedagógica ocorreu nas aulas de Educação Física, com uma turma do 3º ano do curso de Eletrônica integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – câmpus São Paulo, durante o ano de 2019.

A instituição de ensino nasceu a partir do Decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909, que criou as Escolas de Aprendizagem Artífices e que, com o tempo, compuseram a Rede de Escolas Federais de Ensino Técnico Profissional. O início efetivo de suas atividades ocorreu no ano de 1910 e, em sua trajetória, recebeu várias as denominações, mantendo, entretanto, a condição de escola pública vinculada à União.

Desde 1965, a escola passou ser denominada com Escola Técnica Federal de São Paulo e, em 1999, Centro Federal de Educação Tecnológica de São Paulo. Como CEFET-SP, ampliou as sua atuação e seus objetivos oferecendo cursos superiores na unidade sede São Paulo. Entre 2000 e 2008, foram implementados diversos cursos voltados à formação de tecnólogos na área da Indústria e de Serviços, Licenciaturas e Engenharias.

Com a transformação de CEFET-SP em Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), no final de 2008, a antiga Unidade Sede inicia uma nova fase de sua história, passando a ser um câmpus da instituição. Como o maior do IFSP, a escola oferta várias modalidades e níveis de formação, de cursos técnicos de nível médio a licenciaturas, graduações na área tecnológica e pós-graduações.

O câmpus São Paulo do IFSP oferece cinco cursos técnicos integrados ao Ensino Médio, sendo um deles na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Todos esses cursos possuem como função social possibilitar a formação profissional integrada com a formação geral, possibilitando que os alunos e as alunas compreendam as características relacionadas ao mundo do trabalho na área técnica que escolheram, além de acessar todos os conhecimentos necessários dos componentes curriculares da formação propedêutica, com vistas a formação da cidadania¹.

Esse foi o segundo ano em que nós ministramos aulas para essa turma, sendo que em 2017, tematizamos e problematizamos os esportes e as ginásticas. Durante o ano letivo de 2019, os alunos e as alunas, que são oriundos de diferentes bairros de São Paulo e classes sociais distintas, vivenciaram práticas corporais de diversificadas culturas, tais como jogos e brincadeiras de todo o mundo; jogos de tabuleiro; jogos cooperativos; jogos de cartas, esportes (atletismo, tênis de mesa, *badminton*, *kin-ball*, *tchoukball* e *slackline*), lutas (capoeira); danças (samba de coco); e ginásticas (de academia).

Além das vivências, professor e estudantes refletiram sobre os aspectos históricos, sociais, políticos, econômicos, biológicos e fisiológicos que se relacionam com essas práticas corporais. Nesse contexto, após cada experiência realizada, todos e todas dialogaram sobre esses conhecimentos em rodas de conversa. Em algumas situações, praticantes dessas manifestações da cultura corporal foram convidados para organizar as atividades de ensino.

Com a intenção de estimular a leitura de mundo dos estudantes sobre as práticas corporais, utilizamos alguns textos para problematizar os conhecimentos das manifestações da cultura corporal que foram tematizadas. Na aula de atletismo, fizemos a leitura da reportagem intitulada “Tribunal arbitral do esporte anula leis para determinar o sexo de atletas²”, que

¹ Essas informações podem ser acessadas em: <https://spo.ifsp.edu.br/cursos-tecnicos?id=151>

² Acesso em:

discutia sobre a discriminação que algumas atletas sofrem por produzir mais testosterona que a média das mulheres.

Quando vivenciamos jogos de cartas, debatemos sobre os jogos de azar³, discutindo sobre a origem dessas práticas corporais, as diferentes funções sociais que as cartas já exerceram na sociedade e sobre os jogos de apostas, que podem envolver vício e dinheiro.

Para vivenciar os jogos realizados por diferentes etnias indígenas, fizemos uma pesquisa no livro “Jogos e culturas indígenas: possibilidades para a educação intercultural na escola”, organizado pela professora Beleni Saléte Grando. Os jogos de diferentes continentes foram encontrados na obra “Jogos de todo mundo”, produzido por Oriol Ripoli e Rosa Maria Curto, nas produções intituladas como “Jogos de Moçambique”, escrito por Antônio Prista, Mussá Tembe e Hélio Edmundo, “Brincadeiras africanas para a educação cultural”, publicado por Débora Alfaia Cunha e “Ndule Ndule: assim brincam as crianças africanas”, de autoria do professor Rogério Andrade Barbosa. Brincadeiras e jogos realizados em diferentes regiões brasileiras foram pesquisadas nos sites “Território do Brincar”⁴ e “Mapa do Brincar”⁵, que são fontes onde estudiosos dessas manifestações da cultura corporal analisaram como que as pessoas jogam e brincam em diferentes regiões brasileiras.

Os jogos cooperativos foram realizados para problematizar com os alunos e as alunas sobre a extrema competição existente na sociedade contemporânea, onde as pessoas vivem cada vez mais apenas para consumir, se transformando em mercadoria (BAUMAN, 2008). Nesse contexto, fizemos a leitura de uma parte do livro intitulado “Uberização: a nova onda do trabalho precarizado”, publicado por Slee (2017).

Nossa intenção foi debater com os jovens sobre a economia de compartilhamento, que prometeu possibilitar a cooperação direta entre os indivíduos, mas gerou acumulação de fortunas para poucas corporações digitais, a erosão de muitas comunidades, a precarização do trabalho e o consumismo. Chegamos na conclusão que só podemos pensar em uma sociedade mais cooperativa se o objetivo realmente for diminuir as desigualdades sociais e não gerar mais produtividade e riqueza para poucos.

Também visitamos o museu do futebol e realizamos um debate sobre os aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais que fazem parte das copas do mundo de futebol. O momento mais marcante dessas reflexões ocorreu quando discutimos sobre a copa de 1970, realizada durante a ditadura militar no Brasil. Os estudantes e as estudantes puderam analisar como que essa copa, que foi vencida pelo equipe canarinho, passou a ser utilizada pelos militares para dificultar a luta coletiva pela volta da democracia no país.

Durante essa visita, conhecemos a maior biblioteca de futebol do território brasileiro, localizada no museu. Os alunos e as alunas utilizaram a bibliografia da biblioteca para produzir o seu trabalho. Também conhecemos o estádio do Pacaembu. Ainda tivemos a oportunidade de visitar uma exposição

https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/27/deportes/1438028164_311293.html

³ A reportagem pode ser acessada em:

<http://copag.com.br/tudo-sobre-baralhos/origens/>

⁴ Acesso em: <https://territoriodobrincar.com.br/brincadeiras-pelo-brasil/>

⁵ Acesso em: <http://mapadobrincar.folha.com.br/brincadeiras/regioes.shtml>

itinerante sobre o futebol feminino no Brasil⁶. Assim, pudemos refletir sobre a história de proibição dessa prática corporal para as mulheres e reconhecer a resistência das atletas que ainda hoje lutam para realizar essa modalidade esportiva.

Com a intenção de problematizar as injustiças sociais existentes entre as pessoas de diferentes classes sociais, assistimos um documentário intitulado como “Entremundo”. O foco do nosso debate foi analisar aspectos relacionados ao lazer, alimentação, saneamento básico, transporte público, oportunidades de trabalho e arquitetura dos bairros mais ricos e mais pobres da cidade de São Paulo. O conceito de saúde foi ressignificado com os jovens para que eles e elas compreendessem essa temática de forma crítica, se afastando de discursos ingênuos sobre a relação entre alimentação, atividade física e qualidade de vida.

Para finalizar essa parte do trabalho, convidamos a nutricionista da escola e ela conversou com os alunos e as alunas sobre os guias alimentares existentes em diferentes culturas, além de refletir com os/as estudantes sobre a produção de alimentos processados, ultra processados e naturais. Após a análise do filme e a palestra da nutricionista, os/as jovens realizaram um trabalho sobre a arquitetura do seu bairro, identificando os espaços de lazer daquela comunidade e os principais alimentos que são comercializados nesses locais.

Os discentes e as discentes também realizaram uma pesquisa científica durante o ano, de um tema relacionado com a Educação Física que mais tivessem interesse. Os temas estudados foram: machismo no esporte, racismo no esporte, a participação de atletas transexuais no esporte, investimentos públicos nos esportes, a relação entre as classes sociais e as práticas corporais, inclusão de todos e todas pelo esporte, utilização de anabolizantes nos esportes, lesões no esporte de alto nível, transtornos alimentares em praticantes de balé clássico e o impacto dos projetos sociais de caráter esportivo para a saúde da população. Todos os/as estudantes produziram um banner e apresentaram a sua pesquisa para a comunidade escolar.

O trabalho que finalizou essa experiência educativa foi um projeto desenvolvido pelos jovens que relacionou os conhecimentos da eletrônica com as práticas corporais ou o corpo, com vistas a estimular a integração curricular entre a formação profissional e a formação geral. Como exemplo, destacamos duas ideias bem interessantes dos grupos que foram organizados pela turma, sendo elas uma pulseira eletrônica para evitar afogamentos e um carregador ecológico. As apresentações desses trabalhos foram realizadas para uma turma do curso superior de Engenharia Eletrônica, possibilitando a troca de experiência entre os estudantes do Ensino Médio e do Ensino Superior.

Destacamos ainda que, durante as aulas, problematizamos com os alunos e as alunas diferentes marcadores sociais de gênero, raça e classe social que se relacionam com as práticas corporais, a partir de textos publicados na mídia alternativa, como os jornais *El País* e *Carta Capital*, além do blog “Dibradoras”. Utilizamos as seguintes reportagens para promover os

⁶ Detalhes sobre a exposição:

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/09/deportes/1565360778_520746.html

debates: “Abuso Sexual no sonho da bola”⁷; “Mulheres não poderão ir sozinhas à Supercopa da Itália na Arábia Saudita”⁸; “Não há gays no futebol masculino”⁹; “River x Boca: o retrato de uma Argentina Enlouquecida”¹⁰; “O Futebol desconstrói o mito da democracia racial”¹¹ e “Julgada pelo crime de “torcer”, iraniana foi morta pelo machismo”¹².

O leitor e a leitora podem observar algumas das atividades de ensino vivenciadas nas aulas de Educação Física nas imagens abaixo (Figura 1).



Figura 1. Imagens sobre a experiência político-pedagógica nas aulas de Educação Física Escolar.

Luta em defesa dos direitos dos educadores e das educadoras

Sem sombra de dúvidas, o ano de 2019 foi extremamente difícil para todos os professores e todas as professoras do Brasil. Cortes de verbas contínuos assolaram os Institutos Federais nesse ano letivo, causando um risco real de fechamento das

⁷ Acesso em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/futebol-por-elas/abuso-sexual-no-sonho-da-bola/>

⁸ Acesso em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/03/deportes/1546542528_217117.html

⁹ Acesso em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/22/deportes/1545498968_103522.html

¹⁰ Acesso em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/25/deportes/1543171774_338081.html

¹¹ Acesso em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/19/deportes/1542666545_308118.html

¹² Acesso em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/09/11/julgada-pelo-crime-de-torcer-iraniana-foi-morta-pelo-machismo/>

escolas por falta de recursos. Além disso, desde a fatídica Reforma do Ensino Médio, promulgada pela Lei n.º 13.415/2017, a flexibilização do ensino foi desenhada com a intenção de diminuir os gastos públicos com educação, tornando alguns componentes curriculares (Educação Física, Artes, Sociologia e Filosofia) secundários. Este aspecto foi ainda mais aprofundado com a proposta, recém-apresentada ao Conselho Nacional de Educação, que possibilita a oferta de 40% do Ensino Médio à distância, percentual que pode chegar a 100%, no caso da modalidade Educação de Jovens e Adultos (CORTI, 2019).

Apesar do cenário pouco animador, os/as estudantes, em conjunto com os professores e as professoras, fizeram atos políticos em diferentes estados brasileiros, com a pauta de garantir a qualidade da Educação Básica e Superior públicas¹³. O governo vigente, como contrapartida das lutas educacionais, estimulou que os alunos e as alunas denunciassem os docentes que discutissem sobre os problemas da educação em sala de aula¹⁴, com a intenção de produzir uma guerra entre jovens e educadores.

Dessa forma, foi nessa estrutura macrossocial, que essa experiência político-pedagógica narrada ocorreu. Mais do que nunca, compreendemos que a educação não é neutra e o governo vigente deixa cada dia mais claro a sua posição ideológica, propondo, inclusive, como política pública educacional a organização de escola cívico-militares¹⁵, inviabilizando toda e qualquer forma de pensamento crítico dos alunos e das alunas sobre a sua realidade.

Para combater essa realidade, nos inspiramos em Freire (2014a, p. 44-5), onde o educador menciona que “não pode haver caminho mais ético, mais verdadeiramente democrático do que testemunhar aos educandos como pensamos, as razões porque pensamos desta ou daquela forma, os nossos sonhos, os sonhos porque brigamos, mas, ao mesmo tempo, dando-lhe provas concretas, irrefutáveis, que respeitamos as suas opções em oposição às nossas”.

Convicção de que a mudança é possível

Existem muitas formas de analisar a qualidade da educação pública brasileira. Isso acontece porque o cotidiano escolar é complexo, fluído, imprevisível, tornando cada escola uma instituição viva e dinâmica, possibilitando que os professores e as professoras pensem nas suas ações didáticas de acordo com as características dos seus colegas, a gestão da escola, o seu relacionamento com os estudantes, os espaços pedagógicos existentes, a relação da família com a escola, dentre outros condicionantes que influenciam nas aprendizagens de todos os/as discentes.

Nesse contexto, cada professor e cada professora organiza o seu projeto educacional levando em conta a realidade da sua escola, sua história de vida e subjetividades, as teorias educativas que acessou e fazem sentido e o seu compromisso ético-crítico-político com a transformação ou a manutenção da

¹³ Informações sobre os protestos:

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/15/politica/1557950158_551237.html

¹⁴ Acesse a reportagem nesse link:

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/30/politica/1559218903_836093.html

¹⁵ Projeto das escolas cívico-militares:

<https://educacao.uol.com.br/noticias/2019/09/05/bolsonaro-lanca-programa-para-implementar-escolas-civico-militares.htm>

sociedade vigente.

A partir dessa realidade, destacamos que as inovações curriculares têm sido realizadas nas escolas brasileiras quando os professores e as professoras desenvolvem a sua consciência crítica, questionando os conhecimentos que são considerados culturalmente válidos, reconstruindo a seleção dos conteúdos que são debatidos na escola e pensando em projetos educativos que podem proporcionar uma leitura de mundo aos/as estudantes que participam das suas aulas (ARROYO, 1999).

Portanto, para compreender a qualidade da educação pública brasileira, os idealizadores das políticas educacionais precisariam “mergulhar” no cotidiano das escolas e identificar os projetos educativos que estão sendo produzidos pelos/pelas docentes. Assim, o conceito de qualidade de educação não pode ser visto sob o ponto de vista econômico-produtivo, em que se impõe o desenvolvimento de competências para o trabalho, onde os filhos e filhas da classe trabalhadora precisam ser formados com habilidades mínimas para ingressar futuramente em uma empresa, mas de uma perspectiva histórica e de luta pela ampliação da educação como direito, incluindo uma real democratização do fundo público, como expressão da riqueza produzida pelo conjunto da sociedade. Os princípios direcionadores nessa concepção educacional são: a gratuidade, a obrigatoriedade, a laicidade, a gestão democrática e a oferta de educação escolar como qualidade social (OLIVEIRA, 2013).

Felizmente, nas últimas décadas, os professores e as professoras de Educação Física estão contribuindo para melhorar a qualidade da escola pública no Brasil, principalmente quanto se inspiram nos princípios ético-crítico-políticos enfatizados nesse trabalho, possibilitando que os alunos e as alunas da Educação Básica realizem uma leitura crítica do mundo sobre os conhecimentos históricos, sociais, econômicos, políticos, fisiológicos e biológicos que atravessam as práticas corporais.

Acreditar que a mudança é possível é o que move os educadores e as educadoras progressistas. Para lutar por esse sonho, é preciso construir, cotidianamente, a nossa consciência crítica, de uma concepção mais crítica do real, se comprometendo, dessa forma, com a mudança do mundo (FREIRE, 2016b).

Princípios-ético-crítico-políticos dos professores e das professoras de educação física progressistas

Ao refletir sobre essa experiência político-pedagógica, em tempos em que a reflexão sobre a realidade vivida, à luz da obra de Paulo Freire, torna-se urgente, apontamos alguns princípios ético-crítico-políticos (FREIRE, 2014b) que inspiram os professores e as professoras de Educação Física progressistas, tais como:

- Reconhecer que a educação é ideológica;
- Resistência para construir a prática político-pedagógica;
- Rigorosa metódica;
- Corporificação das palavras pelo exemplo;
- Aceitação do novo e rejeição de qualquer forma de discriminação;
- Trabalho coletivo nas escolas como superação das precárias condições de trabalho;

- Articulação da prática político-pedagógica com o projeto político-pedagógico da escola;
- Planejamento participativo;
- Descolonização do currículo;
- Justiça Curricular;
- Tematizar e problematizar as manifestações da cultura corporal a partir de uma pedagogia engajada;
- Possibilitar a leitura do mundo dos alunos e das alunas sobre as práticas corporais;
- Compromisso com a docência e a aprendizagem de todos os alunos e todas as alunas;
- Respeitar e valorizar as diferenças culturais dos estudantes;
- Professores e professoras como produtores de saberes no cotidiano escolar;
- Reflexão crítica sobre a prática;
- Disponibilidade para o diálogo;
- Convicção de que a mudança é possível;
- Lutar em defesa dos direitos dos educadores.

Ressaltamos que esses princípios inspiram práticas político-pedagógicas contra hegemônicas organizadas pelos professores e pelos professores de Educação Física que não aceitam as injustiças sociais da vida contemporânea, posicionando-se contra a ordem existente, na perspectiva de contribuir com a transformação da realidade (SAVIANI, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aprender a dizer a sua palavra

Em regime de dominação das consciências, em que os que mais trabalham menos podem dizer a sua palavra e em que multidões imensas nem se quer tem condições para trabalhar, os dominadores mantêm o monopólio da palavra, com que mistificam, massificam e dominam. Nessa situação, os dominados, para dizerem a sua palavra, tem que lutar para tomá-la. Aprender a tomá-la dos que a detêm e a recusam aos demais é um difícil, mais imprescindível aprendizado – é a “pedagogia do oprimido” (FIORI, 2015, p. 30).

Desde 2010, atuo como educador da Educação Básica. Se pudesse mencionar o principal aprendizado que tive com os ensinamentos de Paulo Freire, é que os professores e as professoras precisam aprender a dizer a sua palavra. Fiori (2015, 12), ao prefaciá-la obra Pedagogia do Oprimido, menciona que “talvez seja esse o sentido mais exato da alfabetização: aprender a escrever a sua vida como autor, isto é, biografar-se”. Nesse sentido, eu diria que está sendo muito difícil organizar experiências político-pedagógicas como um verdadeiro autor, que reconhece a sua dimensão histórica como sujeito, mesmo sabendo que está sendo condicionado por diversificados condicionantes estruturais.

É preciso estimular, cada vez com mais intensidade, que os educadores e as educadoras aprendam a dizer a sua própria palavra na organização das suas experiências educativas, inspirados pelos princípios ético-crítico-políticos que visam a diminuição das injustiças sociais. É preciso que os/as docentes progressistas, de forma coletiva, consigam se “alfabetizar”, para que possam reconstruir esse mundo, propor novos caminhos, pensar em um projeto histórico de um mundo comum, onde os grupos consigam dizer a sua palavra (FIORI, 2015).

Organizar a educação como prática de liberdade significa

construir, em conjunto com os alunos e as alunas, a transgressão das fronteiras raciais, sexuais e de classe a fim de alcançar a consciência crítica (HOOKS, 2017), ditando os rumos da nossa história, da nossa vida, da nossa palavra.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. Experiências de inovação educativa: o currículo na prática da escola. In: MOREIRA, A. F. B. **Currículo: políticas e práticas**. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 1999. p. 131-164.
- BARBOSA, R. A. **Ndule, Ndule: assim brincam as crianças africanas**. São Paulo: Melhoramentos, 2011.
- BAUMAN, Z. **Vida para o consumo: transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BOSSLE, F. Atualidade e relevância da educação libertadora de Paulo Freire na Educação Física Escolar em tempos de “Educação S/A”. In: SOUSA, C. A.; NOGUEIRA, V. A.; MALDONADO, D. T. **Educação física Escolar e Paulo Freire: ações e reflexões em tempos de chumbo**. Curitiba: CRV, 2019. p. 17-32.
- BOSSLE, F. Nosso “inédito viável”: professor de Educação Física intelectual transformador. In: MALDONADO, D. T.; NOGUEIRA, V. A.; FARIAS, U. S. **Os professores como intelectuais: novas perspectivas didático-pedagógicas na Educação Física Escolar brasileira**. Curitiba: CRV, 2018. p. 19-34.
- BOSSLE, F.; BOSSLE, C. B. “O conhecimento de quem é mais valioso?” Educação Física Escolar, educação crítica e pesquisa científica no grupo DIMEEF/UFGRS. In: BOSSLE, F. **Educação Física Escolar, etnografias e autoetnografias: a formação de intelectuais transformadores**. Curitiba: CRV, 2018. p. 15-32.
- BRANDL, C. E. H. O novo Ensino Médio e a Educação Física. **Caderno de Educação Física**, Marechal Cândido Rondon, v. 3, n. 2, p. 79-87, 2001.
- CASTELLANI FILHO, L.; SOARES, C. L.; TAFFAREL, C. N. Z.; VARJAL, E.; ESCOBAR, M. O.; BRACHT, V. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- CORTI, A. P. Política e significantes vazios: uma análise da reforma do Ensino Médio de 2017. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 35, p. e201060, 2019.
- CRESCÊNCIO, G. S.; BENITES, L. C. A reforma do Ensino Médio nos jornais: elementos para o diálogo sobre a Educação Física. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 16, n. 1, p. 193-205, 2018.
- CUNHA, D. A. **Brincadeiras Africanas para a Educação Cultural**. Castanhal: Edição do Autor, 2016.
- FIORI, E. M. Aprender a dizer a sua palavra. In: FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 59. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015. p. 11-30.
- FREIRE, P. **Conscientização**. São Paulo: Cortez, 2016a.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 49ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014a.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Tolerância**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016b.
- FREIRE, P. **Política e Educação**. São Paulo: Paz e Terra, 2014b.
- FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **A África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GRANDO, B. S. **Jogos e culturas indígenas: possibilidades para a educação intercultural na escola**. Cuiabá: EdUFMT, 2010.
- HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 7. ed. Ijuí: Unijuí, 2006.
- MALDONADO, D. T.; NEIRA, M. G. Didática(s) da educação física escolar: colocando em evidência histórias que não se contam. In: Anais do II Encontro Pensando a Educação Física Escolar. **Anais...** Belo Horizonte/ Minas Gerais: IFMG e UFMG, v. 1. p. 70-78, 2019.
- NEIRA, M. G. **Educação Física Cultural: inspiração e prática pedagógica**. Jundiá: Paco, 2018.
- OLIVEIRA, J. F. A função social da educação e da escola: tensões, desafios e perspectivas. In: FERREIRA, E. B.; OLIVEIRA, D. A. **Crise da escola e políticas educativas**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 237-252.
- PRISTA, A.; TEMBE, M.; EDMUNDO, H. **Jogos de Moçambique**. Instituto Nacional de Educação Física – Maputo. Lisboa: Centro de Documentação e Informação Almir Cabral, 1992.
- RIPPOL, O.; CURTO, R. M. **Jogos de todo o mundo**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2011.
- SAVIANI, D. Teorias Pedagógicas contra-hegemônicas no Brasil. **Revista do Centro de Educação e Letras da UNIOESTE**, Câmpus de Foz do Iguaçu, v. 10, n. 2, p. 11-28, 2008.
- SLEE, T. **Uberização: a nova onda do mercado precarizado**. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

CONFLITO DE INTERESSE

Os autores do estudo declaram não haver conflito de interesses.

ORCID E E-MAIL DOS AUTORES

Daniel Teixeira Maldonado (Autor Correspondente)

ORCID: 0000-0002-0420-6490

E-mail: danielmaldonado@yahoo.com.br

Valdilene Aline Nogueira

ORCID: 0000-0002-5271-1635

E-mail: valdilenenogueira@yahoo.com.br